

Com. Brasil

Pulso Firme

10 SET 1996
JORNAL DO BRASIL

O ministro da Fazenda, Pedro Malan, teria bons motivos para comemorar os resultados favoráveis do plano de estabilização: além dos níveis mais baixos de inflação nas últimas três décadas, os indicadores sociais mostram o começo da desconcentração de renda, aumento de salários e maior presença de eletrodomésticos nos lares brasileiros. Ou seja, tudo o que ele sempre defendeu na vida acadêmica.

Entretanto, o funcionário público que renegociou a dívida externa (maio de 91 a outubro de 92), restaurando o crédito brasileiro, e, como presidente do Banco Central ajudou a largada do Plano Real, disse ao **JORNAL DO BRASIL** ser ainda cedo para mostrar fisionomia mais risonha: falta fazer o ajuste fiscal que resolverá os problemas econômicos.

O ar grave do ministro Pedro Malan pode desagradar aos fotógrafos ou às pessoas acostumadas aos 15 minutos da fama de Andy Warhol. O próprio Malan reage com ironia às provocações dos que pedem um crescimento mais acelerado da economia, mesmo à custa de maior inflação.

Segundo Malan, "qualquer incompetente sabe como acelerar a economia num período muito curto. Basta aumentar o déficit, mandar pau no endividamento das estatais e não impor nenhum controle aos estados. Mas sabe-se que isso tem um efeito temporário que vai gerar inflação depois. Nós não queremos o modelo de *stop and go* que vivemos no

passado. Estamos criando as condições para um crescimento sustentável".

Essas palavras têm endereço certo, embora se destinem a centenas ou milhares de pessoas, entre economistas, empresários, sindicalistas, políticos e administradores públicos que defendem ação mais enérgica do governo para reduzir juros e reativar a economia e o emprego.

Alguns ex-ministros especializaram-se na política do *stop and go*, que provocou crescimento seguido de recessão, porque o governo se assustava e puxava o freio do crédito. Outros pisaram fundo no acelerador, gerando crescimento efêmero seguido de longa fase recessiva. Malan tem autoridade para treplicar quem, tendo sido governo, foi alvo dos erros que ele, Malan, apontava na condução da economia, mas critica este governo apostando na memória fraca da opinião pública.

As farpas trocadas pelos economistas não escondem que o destino dos planos econômicos, do crescimento rápido em segurança e da alteração da taxa de câmbio estão nas mãos do Congresso. Se o Congresso aprovar logo as reformas profundas para modernizar o Estado e permitir o reequilíbrio das finanças públicas em todos os níveis de governo, abrindo espaço ao setor privado, o Brasil produzirá mais, podendo criar emprego e resolver mais facilmente os problemas sociais.